

NARRATIVA DA TRAJETÓRIA DOS IDOSOS SURDOS

Andréa Oliveira Almeida ¹

Maria Izabel dos Santos Garcia ²

RESUMO

Envelhecer com dignidade é um direito de todos os cidadãos e o atual projeto, fruto de uma tese inicial de Doutorado em Humanidades e Artes com Menção em Ciências da Educação da Universidade Nacional de Rosário, Argentina, analisa a trajetória de vivências narradas por Idosos Surdos. Os Idosos Surdos precisam ser vistos e faz-se necessário dar existência a essas memórias. Objetivos: Investigar como os Idosos Surdos, acima de 65 anos, contam suas histórias na perspectiva da subjetividade do “Eu Surdo”; compreender as identidades dos Idosos Surdos a partir de suas memórias; produzir um filme etnográfico, analisando as histórias contadas por eles através da Língua Brasileira de Sinais. Metodologia: Trata-se de um projeto de pesquisa com cunho qualitativo, visando captar as narrativas de Idosos Surdos, através da técnica de entrevista. Para a coleta de dados serão utilizadas entrevistas semiestruturadas que serão gravadas e todas traduzidas da Língua Brasileira de Sinais para a Língua Portuguesa, feita pela pesquisadora fluente e intérprete de Libras. Resultados: Hoje temos Surdos representantes em várias áreas da sociedade e as novas gerações precisam conhecer a luta e a história feita por diversos Idosos Surdos. O material coletado irá compor o corpus da pesquisa. Conclusões: Esperamos que a partir das narrativas contadas por Idosos Surdos inspire, contribua, fortaleça e amplie os movimentos Surdos futuros.

Palavras-chave: Envelhecimento, Identidade, Libras, Memória.

¹ Doutoranda do Programa Doutorado em Humanidades e Artes com Menção em Ciências da Educação da Universidade Nacional de Rosário - UNR, andrea.libras@hotmail.com;

² Professora Orientadora. Pós-Doutoramento em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, misgarcia.ines@gmail.com;

INTRODUÇÃO

De acordo com o Artigo 230 da Constituição Brasileira (1988), a família, a sociedade e o Estado “têm o dever de amparar pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” e assegura ainda, que os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares. Já o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003), por ser mais recente também assegura o direito à vida. Porém, dada a sua especificidade, amplia a perspectiva do que deve ser assegurado à pessoa idosa, acrescentando em seu Artigo 3º que o mesmo deve abranger o acesso “à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária” (2003). Nesse texto fica claro que a chegada nessa etapa de maturidade não deve impossibilitar o idoso do direito ao acesso ao lazer; ao trabalho; a profissionalização; a previdência social; a assistência social, ou seja, a terceira idade não significa a finitude de uma vida. Envelhecer com dignidade é um direito de todo cidadão. Assim, o atual projeto pretende analisar a trajetória de vivências narradas por idosos surdos.

De acordo com os dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aproximadamente 10% da população brasileira possui algum tipo de deficiência. Como a técnica utilizada pelo IBGE usa a amostragem como coleta de dados, não sabemos precisar quantos brasileiros possuem deficiência e quantos são surdos. Houve uma atualização no Censo Demográfico em 2022 que aponta, aproximadamente 11% da população brasileira têm mais de 65 anos, entretanto, desconhecemos quantos desses são idosos surdos usuários da Libras (Língua Brasileira de Sinais).

Ainda há grande invisibilidade no processo de envelhecimento pelas pessoas surdas, haja vista a dificuldade de encontrar artigos nessa temática. Assim, o presente artigo é produto de uma pesquisa ainda em desenvolvimento que objetiva trazer a luz algumas narrativas de idosos surdos, de modo a analisar a subjetividade implicada ao longo do processo de envelhecimento. Desse modo, entender a subjetividade a partir das narrativas trazidas por idosos surdos, usuários da Libras, possibilitará um entendimento maior de como o ser humano atravessa a fronteira do

“mundo adulto” para o “mundo da terceira idade”. Esse é o principal objetivo do presente projeto, que tem a abordagem qualitativa como viés metodológico.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica desta pesquisa será de cunho qualitativo, uma vez que pretendemos analisar a subjetividade implicada nesse momento da vida do indivíduo.

A técnica utilizada será a entrevista de história de vida, que será conduzida pelo pesquisador usuário de Libras, de modo a fornecer um bom rapport no momento de encontro com o entrevistado. De acordo com Thompson:

A presença de outra pessoa na entrevista não só inibe a franqueza, como exerce uma sutil pressão no sentido de um testemunho socialmente aceitável. Felizmente, porém, nem tudo é desvantagem. Um velho casal, ou um irmão e uma irmã, frequentemente proporcionarão correções de informação positivamente úteis. Pode ser também que cada um estimule a memória do outro. (1999, p. 266)

Thompson ainda afirma que “falar sobre o passado pode despertar memórias dolorosas que, por sua vez, despertam sentimentos intensos que, muito fortuitamente, podem afligir um informante” (1999, p. 272).

Nesse caso, o pesquisador deve demonstrar sentimentos de apoio ao entrevistado, e procurar estar sensivelmente como seu entrevistado está se sentindo, além de perceber as sutilezas expressas pelo entrevistado.

Bossi (1994), com muita propriedade no assunto, diz que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (p. 55).

É preciso empatia, sensibilidade ao fazer as perguntas e respeitar o tempo de compreensão do idoso, com isso o pesquisador obterá, por meio da entrevista, instrumentos valiosos e informações preciosas, para responder a sua investigação.

Todos os entrevistados serão surdos com idade acima de 65 anos, usuários da Libras. É importante destacar que, todas as entrevistas serão gravadas em Libras e posteriormente traduzidas para a Língua Portuguesa, para uso do pesquisador.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa, lei já citada neste trabalho, é considerada pessoa idosa o cidadão com idade igual ou superior a 60 anos. Alvino (2015) acrescenta que “a ideia de que a idade é uma construção social e que as sociedades atribuem significados diferentes realça a importância do contexto histórico do Envelhecimento e suas diversidades” (p. 11).

Entender o envelhecimento como fator natural é entendê-lo como um processo socialmente construído na vida do ser humano. Com relação aos termos para se referir à pessoa idosa, Alvino (2015) apresenta ainda que “termos como velhinho, vovozinha, tia, idade legal, maior idade, ou eufemismos como, Terceira Idade e melhor idade, são subterfúgios semânticos que servem para mascarar a rejeição da velhice” (p. 29).

Com o processo de envelhecimento, surgem mudanças de ordem biológicas, psicológicas e sociais. Ligados a essas mudanças, é preciso compreender a complexidade do envelhecimento do corpo, assim Haesbaert (1997) traz estudos sobre identidade, territorialização e des-territorialização. E esse processo, para alguns, é marcado como conflito entre as várias formas de sentir, viver e experienciar a velhice, como uma nova territorialidade de espaço e tempo, como um verdadeiro encontro de dois mundos (HAESBAERT, 1997). De acordo com Todorow:

Sozinha, as ideias não fazem história, as forças sociais e econômicas também agem; mas as ideias não são apenas puro efeito passivo. De início tornam os atos possíveis; em seguida, permitem que sejam aceitos: trata-se, afinal de contas, de atos decisivos. (1993, citado por HAESBAERT, 1997, p. 25)

Para Haesbaert, território é visto numa perspectiva relacional, um conjunto de relações sociais, podendo ser visto também como um espaço de sobrevivência. De forma complementar, Raffestin compreende que a territorialidade “pode ser definida como ‘o conjunto de relações que desenvolve uma coletividade – e, portanto, um indivíduo que a ela pertence – com a exterioridade e/ou a alteridade por meio de mediadores ou instrumentos’” (1988, citado por HAESBAERT, 1997, p. 23).

Somos seres pertencentes a uma cultura. Pertencemos a uma sociedade em que as relações são pautadas a uma cultura existente. Assim, cultura e identidade

estão interligadas, nelas está regulada nossa convivência em sociedade. Freund afirma que:

A atividade política se define, em primeiro lugar, pelo fato de se desenrolar no interior de um território delimitado. [A]s fronteiras [...] podem ser variáveis; entretanto, sem a existência de um território que particularize o agrupamento, não se poderia falar de política. Disso decorre a separação característica entre o interior e o exterior [...]. Esta separação é inerente ao conceito de território [...]. Pode-se, pois, definir a política como a atividade que reivindica para a autoridade instalada em um território o direito de domínio, que é a manifestação concreta e empírica do poderio [...]. Esse poderio e esse domínio, segundo Max Weber, só se tornam políticos quando a vontade se orienta significativamente em função de um agrupamento territorial, com vistas a realizar um fim, que só tem sentido pela existência desse agrupamento (1977, citado em HAESBAERT, 1997, p. 34).

Raffestin corrobora a esse pensamento quando se reporta aos três elementos que compõem a territorialidade: “senso de identidade espacial, senso de exclusividade e compartimentação da interação humana no espaço” (1993, citado em MOYSÉS & SÁ, 2014, p. 4324).

Esse senso de identidade e interação social vão se modificando com o passar dos anos, com isso, vem a sensação de reconhecimento do seu corpo ao longo dos anos, entender que os movimentos realizados já não são mais os mesmos; o uso da expressão corporal enquanto ser jovem e ser idoso se modificaram também. Nesse sentido, podemos nos apoiar em Leal (1995, p.84) que afirma: “o conhecimento do corpo conforma-se a partir da vivência e experimentações de sensações objetivas”. Ainda de acordo com a autora:

A representação que as mulheres têm do seu corpo, ou seja, o sistema cognitivo e avaliativo do corpo, organiza-se em função da experiência sensorial das mulheres que objetivam estas sensações ao falarem sobre o seu corpo. (LEAL, 1995, p. 80)

Pensando nessa percepção de mudança do corpo, Bourdieu afirma que:

O corpo é percebido aqui, como expressão e materialização de uma condição social e de um habitus traduzido na forma de posturas corporais, gestos e investimentos na sua produção. O corpo denuncia, através de seus próprios movimentos e dos símbolos que porta, uma determinada posição social. (1997, citado em LEAL, 1995, p. 320)

Corroborando com o mesmo pensamento, Peixoto (2000, p.12) indaga: “Como os idosos lidam com sua imagem? [...] Mas a questão central é a

sociabilidade dos velhos. Como cada um, inserido em seu tempo e em sua sociedade, vive a experiência humana do envelhecer?”. Diferenças sociais entre os idosos que, sem exceção, buscam a mesma coisa: uma companhia para distrair-se (PEIXOTO, 2000). Tecer novas relações com outrem nessa faixa de idade é difícil, ainda mais para idosos surdos. E para abordar essa temática em relação aos surdos, faz-se necessário citar o Artigo 2º do Decreto 5626/2005:

Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Há uma diferença entre ser surdo e ser deficiente auditivo, porém usaremos neste trabalho o termo surdo, por ser a terminologia usada ao indivíduo que convive na comunidade surda e utiliza principalmente a língua de sinais para se comunicar. O termo deficiente auditivo por ter um viés clínico, não será abordado na presente pesquisa.

Garcia (2020) explora a relevância da memória coletiva entre os idosos surdos, enfatizando o papel da Libras como veículo essencial para a manutenção da identidade cultural e social desse grupo. A autora destaca ainda como as lembranças compartilhadas entre os surdos, especialmente os mais velhos, funcionam como um arquivo vivo, preservando as experiências e lutas de uma comunidade historicamente marginalizada. Essa memória não apenas reforça os laços de solidariedade dentro do grupo, mas também promove a valorização de sua língua e cultura, possibilitando a transmissão de conhecimento para as novas gerações.

Além disso, Garcia (2020) também aborda a importância das associações de surdos como espaços fundamentais para a preservação da língua de sinais e para a construção de uma identidade coletiva forte. Essas associações atuam como redutos onde os surdos podem se expressar livremente, compartilhar suas experiências e resistir à imposição da cultura ouvinte. Para muitos idosos surdos, o primeiro contato com outros surdos e com a Libras ocorre nesses ambientes, o que transforma essas associações em pilares para a afirmação e continuidade da cultura surda. Assim, a memória coletiva não só ajuda a consolidar a identidade dos idosos surdos, mas também serve como uma forma de resistência contra a exclusão e o apagamento histórico que essas pessoas enfrentaram ao longo de suas vidas.

Dessa forma, o processo de envelhecimento é entendido como uma construção social, cujos significados são atribuídos conforme o contexto histórico, como discutido por Alvino (2015). Além disso, as mudanças biológicas, psicológicas e sociais que acompanham a velhice revelam a necessidade de uma compreensão mais ampla do envelhecimento, especialmente no que se refere a minorias, como os idosos surdos. O envelhecimento dessas pessoas deve ser analisado em suas interações sociais, culturais e políticas, destacando-se o uso da Libras como meio essencial de expressão e identidade. Nesse sentido, o território social e cultural em que os idosos surdos estão inseridos tem papel fundamental na construção de suas identidades, conforme discute Haesbaert (1997), ao compreender a territorialidade como um espaço de relações sociais e de sobrevivência cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na fase inicial desta pesquisa, um dos desafios identificados é a escassez de referências específicas sobre idosos que são surdos desde o nascimento ou desde a juventude. A maior parte da literatura e das abordagens atuais sobre envelhecimento e surdez foca em indivíduos que adquiriram a deficiência auditiva com o avanço da idade, o que resulta em uma predominância de estudos de caráter clínico e reabilitador. Esses estudos tendem a abordar a surdez como uma condição associada ao envelhecimento, vinculando-a a questões de perda auditiva progressiva e a estratégias de adaptação, como o uso de aparelhos auditivos e intervenções médicas.

Entretanto, a realidade dos idosos que são surdos desde cedo apresenta desafios e particularidades completamente diferentes, tanto no âmbito social quanto cultural. Esses indivíduos desenvolveram suas identidades e vínculos sociais com base em uma experiência de vida surda, utilizando predominantemente a Libras para comunicação e se inserindo na cultura surda. Assim, o foco desta pesquisa é justamente preencher essa lacuna ao dar visibilidade às narrativas e vivências de surdos que envelheceram surdos, resgatando suas memórias e suas formas de lidar com o processo de envelhecimento dentro da comunidade surda.

A ausência de pesquisas mais profundas sobre esse grupo reflete a invisibilidade histórica que os idosos surdos enfrentam. Por isso, esta pesquisa busca

destacar suas histórias como contribuições fundamentais não apenas para a compreensão de como a surdez é vivida ao longo da vida, mas também para a valorização da cultura surda em um contexto de envelhecimento.

Conforme mencionado, a pesquisa encontra-se em fase inicial, e ainda não foram realizadas as entrevistas com os idosos surdos. No entanto, já se identificou a importância de captar as narrativas de vida dessas pessoas para compreender como elas experimentam o envelhecimento e constroem suas identidades a partir de suas memórias e da experiência subjetiva de "Ser Surdo". Estudos anteriores, como os de Haesbaert (1997) e Garcia (2020), indicam que a identidade territorial e as relações sociais têm um impacto significativo na forma como os indivíduos envelhecem, especialmente em grupos marginalizados como os surdos.

Prevê-se que as entrevistas semiestruturadas, conduzidas em Libras, fornecerão um rico material de análise, permitindo uma compreensão mais profunda das questões enfrentadas pelos idosos surdos, incluindo o acesso à cidadania e aos direitos garantidos pelo Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003). A análise dessas narrativas também contribuirá para fortalecer o movimento surdo, ao dar visibilidade a uma parcela da população que, muitas vezes, é invisibilizada nas políticas públicas de envelhecimento.

Espera-se que os resultados preliminares revelem não apenas as dificuldades enfrentadas pelos idosos surdos, mas também suas estratégias de resistência e resiliência, bem como o papel central que a cultura surda, por meio da Libras, desempenha na manutenção de suas identidades na velhice. Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, já é possível antever que as histórias coletadas poderão servir de inspiração para as gerações mais jovens, fortalecendo as lutas por direitos e inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou lançar luz sobre a trajetória dos idosos surdos no Brasil, destacando a importância de suas narrativas para a compreensão do envelhecimento dentro de uma perspectiva cultural e linguística específica. Embora a pesquisa ainda esteja em seus estágios iniciais, já se evidencia a relevância de dar visibilidade a

esse grupo populacional, cujas histórias de vida estão intrinsecamente ligadas à sua identidade surda e ao uso da Libras como meio de comunicação e resistência.

Espera-se que as entrevistas que serão realizadas venham a fornecer um material valioso para a construção de um filme etnográfico que retrate a vida desses idosos, contribuindo para a preservação de suas memórias e para o fortalecimento da cultura surda. O reconhecimento dessas histórias é fundamental não apenas para os próprios idosos, mas também para a sociedade em geral, que precisa entender e valorizar a diversidade humana em todas as suas formas.

Ao final deste processo, pretende-se que a pesquisa contribua para a formulação de políticas públicas mais inclusivas, que levem em conta as necessidades específicas dos idosos surdos e garantam seu direito ao envelhecimento digno. Além disso, o trabalho visa inspirar novos estudos e iniciativas que abordem a intersecção entre envelhecimento e deficiência, ampliando o campo de conhecimento sobre essa temática tão pouco explorada.

REFERÊNCIAS

ALVINO, F. S. **Concepções do idoso em um país que envelhece: reflexões sobre protagonismo, cidadania e direitos humanos no envelhecimento**. 2015. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) - Centro de Ensinos Avançados e Multidisciplinares, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado Federal, 2016.

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 30/08/2024.

_____. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Estatuto do Idoso. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>. Acesso em: 30/08/2024.

GARCIA, M. I. S. Idosos surdos: um arquivo da memória e língua de um grupo social: In: GARCIA, M. I. S. (Org.) **Fazeres epistêmicos e a educação de surdos**. Santiago: Ediciones CELEI, 2020, p. 30-43.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

LEAL, O. F. **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

MOYSÉS, S. T.; SÁ, R. F. Planos locais de promoção da saúde: intersectorialidade(s) construída(s) no território. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 11, p. 4323-4329, 2014.

PEIXOTO, C. E. **Envelhecimento e Imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo: Annablume, 2000.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.